

Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana

No. 67 – 2010/3

MEGUILOT
Enfoque Feminista



NHANDUTIEDITORA

RIBLA – Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana

Conselho de Redação Internacional

Carlos Mesters (Brasil), Maricel Mena (Colômbia), Carmiña Navia (Colômbia), Mercedes Lopes (Brasil), Elsa Tamez (Colômbia), Nancy Cardoso Pereira (Brasil), Esteban Arias (Colômbia), Néstor O. Míguez (Argentina), Haroldo Reimer (Brasil), Pablo Richard (Costa Rica), Jacir de Freitas Faria (Brasil), Paulo Nogueira (Brasil), Jorge Pixley (Estados Unidos), Sandro Gallazzi (Brasil), Lauren Fernández (Equador), Shigeyuki Nakanose (Brasil), Leif Vaage (Canadá), Tânia Mara Vieira (Brasil), María Cristina Ventura (Costa Rica)

Equipe Coordenadora Internacional

Elsa Tamez, Mercedes Lopes, María Cristina Ventura, Maricel Mena, Esteban Arias, Lauren Fernández

Equipe Coordenadora Brasileira

José Ademar Kaefer (articulador), Haroldo Reimer, Ivoni Richter Reimer, Marcos P. Monteiro da Cruz Bailão, Mercedes Lopes, Monika Ottermann, Nancy Cardoso Pereira

Coordenadora deste número

Maricel Mena López, Calle 64 A No 5-23, Bogotá, Colômbia
E-mail: maricelmena@usantotomas.edu.co

Editora: Nhanduti Editora

Rua Planalto 44 – Bairro Rudge Ramos
09640-060 São Bernardo do Campo – SP
11-4368.2035 nhanduti@yahoo.es www.nhanduti.com

Artigos individuais: © dos/das autores/as
Conjunto desta revista: © Conselho de Redação
Revisão: Equipe coordenadora
Diagramação e arte: Nhanduti Editora

ISSN 1676-3394
Setembro de 2013

Esta revista é editada em espanhol e em português, três vezes ao ano.

Em espanhol: Centro Bíblico Verbo Divino, Apartado 17-03-252, Quito, Equador

Em português: revista.ribla@gmail.com

Rua Planalto 44 – Bairro Rudge Ramos – 09640-060 São Bernardo do Campo – SP

Preço da assinatura: para o Brasil R\$ 60,00
para o exterior USD 50,00
Conta da assinatura: Banco do Brasil (001) / Agência 2897-5
Conta corrente: 30296-1

Uma boa notícia

É festa, alegria do povo. A RIBLA, versão portuguesa, está de volta. Depois de um inverno um tanto prolongado, lhes trazemos esta boa notícia. Era preciso que a RIBLA voltasse a ser editada em português, pois ela tem um papel determinante na Interpretação da Bíblia, tanto para o mundo acadêmico, quanto para a caminhada do povo de Deus em busca do Reino.

Nesta empreitada damos as boas vindas à Nhanduti Editora e agradecemos à Editora Vozes pelo serviço prestado em tantos anos.

Agradecemos também ao grupo aqui denominado como “coordenador” que se dispôs a arregaçar as mangas e colocar o barco novamente em movimento. É um serviço voluntário, por isso, autêntico. Um mutirão, no melhor sentido da expressão brasileira. Herdamos esta maneira de trabalhar de outros e outras que nos precederam. Muitos já nos deixaram: não conseguimos deixar de pensar em Milton Schwantes, Archibald Mulford Woodruff, Frei Gilberto Gorgulho, José Comblin... gigantes humildes que estarão sempre conosco apontando a direção da aurora. Por isso, queremos e devemos manter-nos fiéis na senda aberta por eles e elas de construir juntos e juntas o sonho de uma RIBLA que nasce do chão do povo, se sacia da Palavra com uma exegese séria, e volta para o chão do povo. Uma RIBLA que, como diz o seu nome, interpreta latinoamericanamente a Bíblia. Entendemos por isso uma leitura diferenciada, que tem especial preocupação com os pobres, excluídos e excluídas. Que valoriza a diversidade, a cultura e o pluralismo religioso. Uma leitura ecumênica, crítica e aberta a novos desafios.

José Ademar Kaefér

Sumário

A Torá Feminina. Introdução histórico-literária (<i>Maricel Mena López</i>)	9
Desenrolando as cinco <i>Meguilot</i> festivas (<i>Katia Rejane Sassi</i>)	29
Rute. Uma Introdução (<i>Maristela Tezza; Cecilia Toseli</i>).....	47
O Livro de Rute, bordado à mão (<i>Olga Lucia Álvarez Benjumea</i>)	59
Rindo para não chorar no balcão dos “mal-amados”. Uma visão panorâmica do Livro do Cântico dos Cânticos (<i>Lília Dias Marianno</i>)	69
Meguilat Eihá. O Livro de Lamentações (<i>Pinky Riva</i>)	81
As múltiplas vozes de Lamentações: Fazer profecia a partir da dor (<i>Mercedes L. García Bachmann</i>)	99
Qohelet – Dicas para fazer do deserto um espaço habitável (<i>Sandra Nancy Mansilla</i>)	115
O desencanto como resistência (Eclesiastes 1,2-11) (<i>Juan Esteban Londoño</i>)	123
Ester: A Mulher que enfrentou o palácio (<i>Sandro Gallazzi</i>)	137

Maricel Mena López

A Torá Feminina Introdução histórico-literária

Resumo

A partir do estudo dos cinco rolos conhecidos como Megillot, este artigo trabalha a possibilidade de haver uma profecia feminina popular paralela à Torá oficial editada no pós-exílio. Partindo de um entendimento original do vocábulo torah como ensinamento ou instrução transmitida pela mãe aos seus filhos, a autora defende sua hipótese realizando uma análise contextual, narrativa e argumentativa.

Palavras-chave: Torá, Feminina, Pós-exílio, Megillot, Religião, Popular.

Abstract

Based on the study of the five scrolls known as Megillot, this article considers the possibility of a popular female prophecy parallel to the official Torah published in the post-exilic period. Based on the original understanding of the word torah as teaching or instruction transmitted by the mother to the children, the author defends her hypothesis making a contextual, narrative and argumentative analysis.

Keywords: Torah, Feminine, Post-exile, Megillot, Religion, Popular.

1. Introdução

Este número da RIBLA pretende dar resposta à pergunta: os cinco livros bíblicos conhecidos como *Megillot*¹ podem ser considerados como uma Torá feminina popular paralela à Torá² oficial, editada no período bíblico do pós-exílio? Para começar, é necessário esclarecer que o conceito de Torá não se limita aos cinco livros do Pentateuco³. A palavra hebraica *torah*⁴ nos remete em primeiro lugar à linguagem coloquial do Antigo Testamento, onde originalmente designava o ensinamento ou instrução da mãe: “Escuta, meu

1 Rute, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Lamentações e Ester são os cinco “rolos” designados como Megillot [abrasileirado meguilot, do singular feminino hebraico megillah ou meguilá] que são lidos na sinagoga nas festas mais importantes do povo judeu.

2 A palavra hebraica “*torah*” é central para a fé do Antigo Testamento, e seu conceito foi traduzido por “lei” pela tradição cristã.

3 Gênesis, Êxodo, Números, Levítico e Deuteronômio.

4 O substantivo *torah*, “lei, instrução”, provém da raiz *yrh*, “ensinar”. Cf. JENNI, Ernst; WESTERMANN, Claus. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*, 2. Madri: Ediciones Cristiandad, 1985, p. 1292.

filho, a exortação do teu pai, não desprezes a *torah* da tua mãe” (Pr 1,8; cf. 6,20; 31,26)⁵, para introduzir seus filhos nos caminhos da vida e adverti-los diante dos perigos da morte⁶. Em segundo lugar, este conceito se estende às orientações, instruções, normas, promessas e desafios, tornando-se um termo técnico para a instrução de sacerdotes e leigos (Jr 18,18; Ez 7,26), e às palavras dos mestres da sabedoria (Pr 7,2; 13,14) ou à profecia (Is 8,16-20; 30,9)⁷. No período que nos ocupa, o pós-exílio, a Torá designa a lei de Esdras⁸ (Ne 8,1). Diante desta variedade de concepções e aplicações, e seguindo a argumentação de Crüsemann, “aqui, a Torá abrange tanto narrações (Dt 1,5) como leis (Sl 78,1.5.10)”⁹.

Neste sentido, as narrativas que estudaremos podem ser consideradas como Torá, porque nelas encontra-se uma série de ensinamentos ou instruções recebidos da tradição religiosa popular do âmbito da casa e assimilados pela tradição sacerdotal, ao ponto de serem lidas nas principais festas judaicas, a saber: o Livro de Rute, em Pentecostes; o Cântico dos Cânticos, na Páscoa; Coélet, na Festa das Tendias; Lamentações, na Festa Memorial da Destruição de Jerusalém e, finalmente, o Livro de Ester na Festa de Purim.¹⁰ Se estes ensinamentos são aceitos na vida, se estão contribuindo para a formação espiritual da comunidade, então estes textos são lidos na sinagoga, durante a festa, como símbolo de adoração a Deus.

Apesar da densa produção literária originada neste período¹¹ se prestará atenção somente a dois tipos de produção: a redação definitiva da Torá, iniciada pelos sacerdotes judeus da Babilônia e terminada pelo sacerdote Esdras em Jerusalém, transformando-se na fonte oficial do judaísmo normativo¹², e ao conjunto destes cinco rolos denominados *Megillot*, que constituem uma literatura de resistência religiosa popular.

5 Ibidem, 1296.

6 CRÜSEMANN, Frank. *A Torá. Teologia e historia social da lei do Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 2002, 12.

7 Ibidem, 12.

8 Para alguns autores, o livro da Lei de Moisés lido por Esdras em Ne 8 compreende a totalidade do Pentateuco, não obstante, neste texto argumentarei, seguindo a contribuição de Johann Meier, que há diferença entre o Pentateuco como um todo e a Torá.

9 CRÜSEMANN, 12.

10 Veja o artigo de Katia Regiane Sassi sobre as festas judaicas neste número da RIBLA. Cf. DAHLER, Etienne. *Festas e símbolos*. São Paulo: Santuário, 1999.

11 Este período é rico por sua produção literária, destacando-se a obra cronista, os livros de Esdras e Neemias, os adendos aos livros proféticos, as novelas populares de Jonas, Jó, Ester, as *Megillot*, entre outros. No entanto, o Pentateuco destaca-se devido à sua importância nas tradições judaicas e cristãs.

12 Apesar do forte conteúdo sacerdotal, o Pentateuco bebe também das fontes javista, eloísta e deuteronomista. Esta hipótese documental, ainda que seja discutida, é a teoria mais sólida que se tem sobre a elaboração do Pentateuco.

A religião popular é um legado religioso próprio da geografia israelita, onde a divindade atende às inquietações e incertezas da vida, da sobrevivência: “Os adoradores imploram aos deuses pela vida, pela saúde, pela propriedade e descendência, oferecendo o que têm e esperando pelo melhor”¹³. Estas religiões não estavam submetidas a nenhum livro nem hierarquia, mas era a própria comunidade que realizava as tarefas relativas ao templo. “A única coisa que incomodava era que estes cultos familiares eram locais e não estavam conectados com Jerusalém, mais ainda, que a mãe e/ou esposa era a cabeça.”¹⁴ No mundo rural, as práticas da religião popular não podiam ser qualificadas como não javistas; tratava-se de uma aproximação alternativa da divindade, pois desde os tempos antigos eram oferecidas libações e oferendas como forma de reconhecimento pelos favores recebidos.¹⁵

Da primeira interessa-nos uma aproximação ao contexto da história jurídica veterotestamentária, especialmente ao conceito de Torá ou instrução na linguagem sacerdotal de Esdras (Ne 8,1), para perceber o trânsito religioso liderado por estes sacerdotes, onde o popular e feminino se converte em oficial, normativo e excludente da liderança feminina nos cultos. Da segunda, a partir da exegese bíblica feminista e de gênero¹⁶, serão estudadas as cinco *Megillot* como uma proposta teológica de resistência religiosa feminina à religião normativa sacerdotal, onde o protagonismo das mulheres é evidente e a teologia popular se apresenta como contestatória à teologia sacerdotal predominante na época do pós-exílio, no Segundo Templo¹⁷.

2. As Megillot e sua posição no cânon do Tanakh

O período persa, também conhecido como o pós-exílio, é um tempo importante para a reconfiguração de Israel, devido à sua ampla e variada produção literária no campo bíblico, até o ponto de ir fixando o cânon do

13 DEVER, William G. *Did God Have a Wife? Archaeology and Folk Religion in Ancient Israel*. Grand Rapids: Eerdmans, 2008, 122.

14 *Ibidem*, 122.

15 Las religiones populares en el Antiguo Israel y la Biblia como “minority report”, 2012. Disponível em: <http://alauniversitat.blogspot.com/2012/12/las-religiones-populares-en-el-antiguo.html>. Acesso: 14/03/2013.

16 Sandro Gallazzi, em varias ocasiões desde os anos 80, vem sugerindo a leitura destes cinco rolos das *Megillot* como uma Torá feminina, ainda sem suficiente elaboração escrita. No nível da exegese feminista internacional merecem destaque os diversos comentários dedicados a cada livro, editados por Athalya Brenner. Ali a contribuição supera o resgate dos valores de mulheres fortes como Rute e Ester, que atuam a favor da continuidade do judaísmo normativo, abordando temas-chaves como a descendência, a terra, o amor a Deus, a resistência... A partir da hermenêutica da suspeita, estes compêndios feministas desconstróem os estereótipos básicos da submissa, a sedutora que engana homens proeminentes, colocando-os como ingênuos e subordinados aos desejos femininos.

17 MARTÍN-MORENO, Juan Manuel. La etapa persa. Disponível em: <http://estudiobiblicoafe.blogspot.com/2009/06/la-etapa-persa.html>. Acesso: 04/06/2012.